



SEMANA DA IGUALDADE

6 A 10 MARÇO 2023



Comunicado de Imprensa nº 006/23

EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO DA MULHER NO TRABALHO

Emprego – desemprego – protecção social – precariedade – salários - horários – teletrabalho

A situação das mulheres trabalhadoras em Portugal está a deteriorar-se.

O desemprego está a aumentar, o emprego é cada vez mais precário e mal pago.

No 4º trimestre de 2022 havia 183 mil trabalhadoras desempregadas e mais 176 mil desencorajadas e subempregadas, o que perfaz um total de 359 mil mulheres. **As mulheres são mais de metade de desempregados (53% do total), tendo o seu número aumentado 15 milhares em termos homólogos.**

A taxa de desemprego entre as mulheres também aumentou, de 6,5% no 4º trimestre de 2021 para 7% no 4º trimestre de 2022 para o conjunto das idades, sendo mais elevada do que entre os homens trabalhadores (6,1%). Mas **entre as jovens trabalhadoras com menos de 25 anos chega aos 20,5%**, sendo ainda mais alta que entre os jovens trabalhadores do sexo masculino (19,4%).

As mulheres são a maioria dos trabalhadores subempregados (65%) e o seu número também subiu no último ano, sendo também mais atingidas pelo desemprego de longa duração: 44,6% estão desempregadas há um ano ou mais face a 38,9% entre os homens.

Subutilização do trabalho por componente e sexo

Portugal	Sexo	Valor trimestral			Variação homóloga	
		4T-2021	3T-2022	4T-2022	Homóloga	Trimestral
		Milhares de pessoas			%	
Subutilização do trabalho	HM	630,1	603,1	633,1	0,5	5,0
	H	286,9	262,4	274,1	-4,5	4,4
	M	343,2	340,7	359,0	4,6	5,4
População desempregada	HM	330,6	305,8	342,7	3,7	12,1
	H	162,6	135,7	159,6	-1,9	17,6
	M	168,0	170,1	183,1	9,0	7,6
Subemprego de trabalhadores a tempo parcial	HM	143,2	135,2	141,0	-1,5	4,3
	H	54,6	56,9	48,8	-10,7	-14,3
	M	88,6	78,2	92,2	4,1	17,9
Inativos à procura de emprego, mas não disponíveis para trabalhar	HM	22,5	34,4	28,8	27,9	-16,3
	H	4,7 §	12,1	8,8	85,7	-27,0
	M	17,8 §	22,3	20,0	12,4	-10,6
Inativos disponíveis para trabalhar, mas que não procuram emprego	HM	133,8	127,7	120,6	-9,9	-5,6
	H	64,9	57,7	56,9	-12,4	-1,4
	M	68,8	70,0	63,7	-7,5	-9,0
		%			p.p.	
Taxa de desemprego	HM	6,3	5,8	6,5	0,2	0,7
	H	6,2	5,2	6,1	-0,1	0,9
	M	6,5	6,5	7,0	0,5	0,5
Taxa de subutilização do trabalho	HM	11,7	11,2	11,7	-	0,5
	H	10,7	9,7	10,2	-0,5	0,5
	M	12,8	12,6	13,3	0,5	0,7

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - 4.º trimestre de 2022. §: Dado com fiabilidade reduzida

Ao mesmo tempo a protecção no desemprego diminui.

Apenas 35% do número real de trabalhadoras desempregadas tinha uma prestação de desemprego no 4º trimestre, quando há um ano eram 49%.

Mais de 60% das trabalhadoras desempregadas têm prestações de desemprego até 500 euros, portanto inferiores ao limiar de pobreza (551 euros).

A baixa cobertura das prestações de desemprego e os valores prestacionais reduzidos têm como consequência que **a percentagem de trabalhadoras desempregadas que vive em situação de pobreza mesmo após as transferências sociais seja de 40%.**

No que diz respeito ao emprego verifica-se um crescimento, mas já com quedas entre os trabalhadores dos 35 aos 54 anos (menos 77,8 mil empregos em termos homólogos, dos quais 42,6 mil ocupados por mulheres) e entre os trabalhadores com o ensino superior (menos 86,4 mil, dos quais 73,1 mil são mulheres).

A maioria do emprego criado é precário (76% no 4º trimestre), tendo a precariedade do emprego aumentado em termos globais de 16,2% para 17,2% no 4º trimestre, **mas sendo ainda mais elevada entre as mulheres (17,8%), que representam mais de metade dos trabalhadores com vínculos precários (53,5%).**

A precariedade é mais elevada entre as mulheres em todas as faixas etárias, sendo especialmente alta entre as jovens trabalhadoras menores de 35 anos (37,5%) e, de entre estas, entre as menores de 25 anos (61%).

Há um ano a incidência da precariedade era semelhante entre homens e mulheres trabalhadores, **o que significa que a situação das mulheres ainda se está a deteriorar mais que a dos homens.**

4.º trimestre de 2022	Sexo	Total	Sem termo	Com termo	Prestação de serviços	Não permanentes	
						Milhares de indivíduos	%
Portugal							
Total	HM	4 182,5	3 462,1	604,9	115,5	720,4	17,2
	H	2 019,7	1 684,6	290,2	44,9	335,1	16,6
	M	2 162,8	1 777,5	314,7	70,5	385,2	17,8
16 - 24 anos	HM	277,1	114,2	146,0	16,9	162,9	58,8
	H	149,5	64,7	77,9	6,9	84,8	56,7
	M	127,5	49,5	68,1	10,0	78,1	61,3
25 - 34 anos	HM	846,1	611,9	205,5	28,7	234,2	27,7
	H	427,4	319,7	97,3	10,4	107,7	25,2
	M	418,6	292,2	108,2	18,3	126,5	30,2
35 - 44 anos	HM	1 037,6	891,0	123,9	22,7	146,6	14,1
	H	493,6	432,3	52,8	8,5	61,3	12,4
	M	543,9	458,7	71,1	14,2	85,3	15,7
45 e mais anos	HM	2 021,8	1 845,0	129,6	47,2	176,8	8,7
	H	949,1	867,9	62,2	19,1	81,3	8,6
	M	1 072,7	977,2	67,5	28,1	95,6	8,9

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - 4.º trimestre de 2022.

Os valores assinalados a laranja têm fiabilidade reduzida e a sua análise deve ser encarada com as devidas reservas

No capítulo dos salários ocorreram perdas significativas do poder de compra em 2022.

O salário médio do conjunto da economia caiu 4,5% em termos reais face ao ano de 2021, sendo a queda dos trabalhadores da Administração Pública ainda maior que a do sector privado (-5,7% face a -3,6%)¹.

As mulheres trabalhadoras são ainda mais mal pagas que os homens trabalhadores, tendo salários base 13% mais baixos, numa diferença que que em 2021 atingiu os 153 euros, em média, mas que entre os quadros superiores rondou os 600 euros.

É precisamente entre os trabalhadores mais qualificados que o diferencial é maior em termos percentuais: 24,5% entre os quadros superiores, 14% entre os quadros médios e 16,5% entre os profissionais altamente qualificados face a 6,8% entre os trabalhadores não qualificados² (devido à existência do salário mínimo nacional, onde as mulheres trabalhadoras são 52%).

Perto de 30% das mulheres trabalhadoras do sector privado auferem apenas o salário mínimo nacional, face a 23% dos homens trabalhadores, de acordo com dados do GEP/MTSSS referentes a Julho de 2021.

Cerca de metade dos trabalhadores que recebem apenas o salário mínimo nacional completou no máximo o 3º ciclo do ensino básico, perto de um quarto tem o ensino secundário e pós-secundário e 5% o ensino superior, o que é demonstrativo da desvalorização das habilitações, das profissões e da intensificação da exploração dos trabalhadores.

As trabalhadoras que recebem acima do salário mínimo também têm salários muito baixos: 58% auferem no máximo 800 euros de salário base mensal bruto e até 1.000 euros são 72%, percentagens ainda mais elevadas do que entre os homens trabalhadores.

Remuneração base mensal do trabalho dependente – Novembro de 2022

Euros	Mulheres (nº)	Homens (nº)	Total (nº)	% mulheres acumulado	% homens acumulado	% total acumulado
<= 600	78 416	70 534	148 950	4,1	3,2	3,7
601 a 800	1 019 377	991 207	2 010 584	57,9	48,9	53,1
801 a 1000	263 979	396 837	660 816	71,9	67,1	69,3
1001 a 1500	290 782	368 753	659 535	87,2	84,1	85,6
1501 a 2000	122 597	145 553	268 150	93,7	90,8	92,1
2001 a 3000	80 201	115 485	195 686	97,9	96,1	97,0
3001 a 4000	24 353	44 640	68 993	99,2	98,2	98,7
4001 ou mais	14 967	39 933	54 900	100,0	100,0	100,0
Total	1 894 672	2 172 942	4 067 614			

Fonte: MTSSS, Instituto de Informática (com base das Declarações de Remunerações à Segurança Social)

¹ INE, Remuneração bruta mensal média por trabalhador – Dezembro de 2022

² GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal de 2021

Os baixos salários têm influência na natalidade. Dados dos Censos 2021 revelam que o número de filhos é maior entre progenitores que completaram o ensino secundário ou pós-secundário e superior, uma vez que os salários, ainda que aquém do que deviam ser, são mais elevados do que entre os trabalhadores com menos habilitações.

Também os longos horários de trabalho e a sua desregulação têm efeitos na natalidade e nas condições de vida e de trabalho.

Portugal continua a ser um dos países da União Europeia onde se trabalha habitualmente mais horas por semana a tempo completo: 41 horas semanais, em média, para os trabalhadores por conta de outrem do conjunto dos sectores. Na agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca o tempo de trabalho habitual chega às 43 horas³.

58% dos assalariados trabalham entre 36 e 40 horas (mas esta percentagem inclui o trabalho a tempo parcial) e 17% trabalham 41 ou mais horas.

As mulheres trabalhadoras têm uma duração de trabalho habitual apenas ligeiramente mais baixa do que os homens trabalhadores (40 horas em média, sendo de 41 horas na agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca), dado que as tarefas no seio da família são desempenhadas mais frequentemente por aquelas.

Perto de 1 milhão e 800 mil dos trabalhadores por conta de outrem trabalham por turnos, à noite, ao sábado ou domingo ou numa combinação destes tipos de horários, 872,6 mil dos quais são mulheres (49% do total). Mais de 737 mil mulheres trabalham ao Sábado, cerca de 484 mil ao Domingo, perto 409 mil ao serão, 320 mil por turnos e 157 mil à noite.

É entre as mulheres que este tipo de horários mais tem crescido nas últimas duas décadas, abrangendo 41,4% do total das mulheres assalariadas em 2021, percentagem que sobe para cerca de 45% nos serviços, sector que abrange 90% das trabalhadoras com este tipo de horários no total das actividades. Na agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca, são 31,5% as mulheres com este tipo de horários e na indústria 23,6%.

Mulheres trabalhadoras por conta de outrem segundo o tipo de horário de trabalho

2021	Portugal							
	Total	Turnos	Serão	Noite	Sábado	Domingo	Alguns destes	Nenhum destes
	Milhares							
Total	2 108,5	319,6	408,8	157,2	737,2	483,8	872,6	1 235,9
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	18,1	Nd	Nd	-	Nd	Nd	5,7	12,4
Indústria, construção, energia e água	345,7	22,4	34,9	17,7	60,2	19,9	81,7	264,0
Serviços	1 744,7	294,8	372,3	139,5	672,5	461,1	785,1	959,6
	%							
Total	100,0	15,2	19,4	7,5	35,0	22,9	41,4	58,6
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	100,0	Nd	Nd	181,5	Nd	Nd	31,5	68,5
Indústria, construção, energia e água	100,0	6,5	10,1	5,1	17,4	5,8	23,6	76,4
Serviços	100,0	16,9	21,3	8,0	38,5	26,4	45,0	55,0

Fonte: INE – Inquérito ao Emprego.

Nos valores em milhares a soma dos diferentes tipos de horário é superior ao total porque um mesmo trabalhador pode ter mais do que um dos horários considerados. Nd: não disponível

³ Fonte: Eurostat, Labour Force Survey e INE, Inquérito ao Emprego.

Os longos horários de trabalho têm consequências negativas ao nível da segurança, saúde e sinistralidade no trabalho, havendo uma relação entre os países onde se trabalham mais horas por semana e os acidentes de trabalho.

Portugal é o quinto da UE onde se trabalha mais horas e um dos que tem as taxas de sinistralidade laboral mais elevadas: ocupa o terceiro em termos de acidentes não mortais – 2.260 por cada 100.000 trabalhadores – e o sétimo lugar quanto aos acidentes mortais – 2,72 por cada 100.000 trabalhadores, de acordo com dados do Eurostat.

No que diz respeito ao trabalho a partir de casa e ao teletrabalho, no 4º trimestre de 2022, 454,6 mil mulheres trabalhadoras (18,7% do emprego feminino) fizeram-no a partir de casa, 28% das quais sempre, 29% regularmente em diferentes modalidades (ver quadro), 28% fora do horário de trabalho e 14% pontualmente.

A esmagadora maioria das trabalhadoras que trabalharam a partir de casa estiveram em teletrabalho (430,8 milhares, ou seja, 95% das trabalhadoras em casa), constituindo 51,5% dos trabalhadores em teletrabalho e apenas 15% estiveram nessa situação devido à Covid-19.

O número médio de dias em teletrabalho foi de 4 e a média de horas de trabalho semanal efectivo é superior à média dos que não trabalham em casa (36 horas face a 33 horas).

Trabalho a partir de casa e teletrabalho

Mulheres	2022	
	4º trimestre	
	Milhares	%
Emprego	2436,2	100,0
Trabalho a partir de casa	454,6	18,7
Sempre	126,7	27,9
Regularmente (concilia trabalho presencial e em casa)	133,2	29,3
Alguns dias por semana, todas as semanas	92,1	20,3
Alguns dias por semana, em semanas rotativas	6,9	1,5
Todos os dias da semana, em semanas rotativas	7,5	1,6
Outro tipo de sistema	26,8	5,9
Pontualmente	65,1	14,3
Trabalho em casa efetuado fora do horário de trabalho	128,5	28,3
Teletrabalho	430,8	17,7

Fonte: INE – Inquérito ao Emprego

DIF/CGTP-IN

Lisboa, 01.03.2023